

032/066

A109164

Guarapari sofre com lixo, carestia e falta d'água

Cláudia Feliz

Os preços dispararam com a chegada do ano novo e a infra-estrutura decepciona a quem, durante muito tempo, se deslumbrou com a beleza de Guarapari, o município turístico mais famoso do Estado. Há mais de uma semana a Prefeitura tenta dar à cidade um aspecto estético melhor, recolhendo toneladas de lixo acumuladas nas ruas e tapando buracos nas pistas. Reduto de mineiros, mas visitada por pessoas de várias cidades brasileiras, Guarapari também enfrenta, neste verão, problemas relacionados, principalmente, ao abastecimento d'água e ao meio ambiente.



Fotos de Nestor Müller

A grande concentração de turistas lota praias e agrava as carências do balneário nas áreas de limpeza pública, abastecimento e trânsito

Beleza natural não lhe falta, embora ao longo dos anos Guarapari tenha sido agredida pela falta de planejamento urbano. Surgiram edifícios altos, ocupando totalmente muitos terrenos, prejudicando a aeração principalmente no centro da cidade. Em contrapartida, o balneário não foi beneficiado com obras de saneamento básico. Falta água e há problemas na área de saúde.

A infra-estrutura de Guarapari não atende à demanda de pessoas que ali se instalam na temporada de verão. E nesta, particularmente, a voz corrente é de que o fluxo se mostra bem maior do que o registrado nos últimos dois anos, pelo menos. Os aficcionados por sol e mar — mineiros em sua maioria — começaram a chegar desde a segunda quinzena de dezembro passado. A cidade está cheia.

Um comerciante antigo na cidade, que prefere não se identificar, lamenta o fato de Guarapari vir registrando um fluxo turístico de baixo padrão de consumo. Há quem diga que a falta de planejamento, de visão comercial e de estrutura do local são os culpados. Guarapari, e isso a própria prefeita Morena Espíndula não nega, embora atraia muitos turistas, atua como passagem para quem busca o litoral baiano, por exemplo.

Preços altos e falta de infra-estrutura afugentam quem busca fazer turismo num balneário, com certa sofisticação.

“Aqui a população anda pra lá e pra cá, sem um ponto de concentração. Não há estímulo ao convívio”, criticam Roberto Avancini Almeida e Wilson Denadai, ambos de Campinas, São Paulo, que escolheram Guarapari por indicação

do capixaba Paulo Roberto Tardin Júnior. Outra crítica do grupo: na cidade, a vida noturna, muito incipiente, acaba cedo.

A mineira Juliana Gazzi Macedo, 15 anos, que conheceu a goiana Fabíola Teixeira, 18, nesta temporada, lamenta o fato de só existirem boates em Nova Guarapari, localizadas distante da Praia do Morro, onde a programação noturna se resume a barzinhos. “Se chove a gente não tem nada pra fazer”, acrescenta.

Tem gente, porém, que busca no balneário apenas sol, mar e tranquilidade. Mas como tem crianças ao lado, e exigentes, cobra alternativas criativas de lazer. É o caso da carioca Célia Pimentel Soares. “Cidades turísticas têm que se planejar para receber a gente,

não é mesmo?”, diz ela, em tom de crítica.

Guarapari ainda enfrenta problemas relacionadas à falta d'água, e um exemplo dessa situação é vivido por quem se instala na Praia do Morro. O gerente da Cesan, Sérgio Meirelles, explica que a chuva intensa nas cabeceiras dos rios Cachoeirinha e Jaboti têm afetado a qualidade da água bruta e prejudicado o tratamento do produto. A companhia tem adotado duas alternativas para reduzir o impacto do problema: a realização de manobras (o abastecimento é suspenso durante um período numa região, para beneficiar outra) e uso de carros-pipa. Para solucionar, definitivamente, a situação, são necessários Cr\$ 300 bilhões. Enquanto o dinheiro não é viabilizado, a Cesan recomenda que a população racione o uso da água. O

desperdício, que atinge uma média de 40%, no verão costuma ser maior.

Na telefonia também existem queixas. Os veranistas alegam que a cidade apresenta muitos orelhões com defeito, gerando filas no posto da Telest, localizado no centro da cidade. Na área de saúde, também ocorrem problemas no atendimento, devido ao aumento de demanda de pacientes. A coordenadora do serviço médico, Maria Beatriz Campos Machado, admite que não há hospitais para pacientes pobres em Guarapari. O posto de saúde de Muquiçaba fechou para reformas e a unidade sanitária Dr. Roberto Calmon está sempre cheia de gente. Há dificuldades no que diz respeito a materiais — há meses a Ceme não remete remédios para os postos.

Trânsito é o maior problema

Até meados da última semana, Guarapari não havia registrado o único “arrastão”, fenômeno típico da insegurança em que vive a população brasileira, que acontece em várias praias. A cidade, segundo o comandante da Companhia Independente da Polícia Militar, capitão Carlos Alberto Gomes, vive um verão calmo. O problema maior é registrado no trânsito, com até cinco ocorrências/dia, e engarrafamentos que fazem com que os motoristas gastem até 40 minutos para atravessar a cidade, no fim da tarde.

Para chegar a Guarapari, pela Rodovia do Sol, já é preciso muito cuidado, porque a pista está sofrendo obras de duplicação e recuperação, a cargo do Departamento de Estradas de Rodagens (DER). Em Muquiçaba, a via estreita e o excesso de veículos provocam engarrafamentos. O trânsito, segundo o capitão, apresenta problemas nas avenidas Desembargador Lourival de Almeida (na Praia das Castanheiras) e Joaquim da Silva Lima (também no Centro), e na Avenida Ewerson de Abreu Sodré (Muquiçaba).

Exigentes e tranquilos

Além de exigentes, os turistas costumam ser tranquilos demais no trânsito, quando estão em férias. Nas vias estreitas de Guarapari, eles dirigem seus carros bem devagar, como que passeando. Aí, surgem as longas filas de veículos e os pequenos acidentes. Há quatro policiais motorizados, além dos homens a pé na cidade. Um efetivo de 140 homens atua no município.

O capitão diz que duas quadrilhas de adolescentes foram identificadas previamente e, por isso, até a última quarta-feira não havia sido registrado um único “arrastão” nas praias de Guarapari. Para evitar problemas no trânsito, quem chega à cidade pela Rodovia do Sol deve optar pelo desvio que leva ao Centro de Convenções. Na volta, à tarde, resta ter atenção e paciência, porque os engarrafamentos são quase inevitáveis.

Busca por lucro exagerado desagrada turistas

Na opinião de muitos turistas e também “nativos” de Guarapari, um dos problemas vividos pela cidade é a visão equivocada de comerciantes — vários deles do mercado informal — segundo a qual temporada de verão significa período de lucros exagerados. Com a chegada do ano novo, vários produtos sofreram majoração, desagradando os veranistas.

Com certeza são os preços altos os responsáveis pela decepção dos vendedores ambulantes de produtos como cerveja, refrigerantes, peixe frito e salgadinhos, à beira-mar. Ao contrário dos donos de restaurantes, eles dizem que as vendas estão fracas. Alguns exemplos talvez expliquem o fenômeno.

Um quilo

O peroá, consagrado como o predileto dos turistas nas barracões, custa, a unidade — frito e acebolado — Cr\$ 15 mil. Um quilo do mesmo produto, limpo, adquirido em peixarias, sai por preço que varia de Cr\$ 15 mil a Cr\$ 20 mil, de acordo com o tamanho. Por isso, gente como o mineiro Janir Bragança opta por fazer as refeições em casa. A “nativa” Maria do Carmo Ribeiro admite que alguns comerciantes “ainda acham que precisam abusar dos turistas”.

A sensação do abuso é sentida por muitos. “Acham que a gente é bobo”, comenta Walter Camilo, de Belo Horizonte, que se assustou

ao se deparar com o preço do picolé Kibon ‘brigadeiro’ cobrado por ambulantes na Praia do Morro: Cr\$ 15 mil. Na tabela da empresa, o produto custa Cr\$ 6.900,00. O picolé mais simples, de fruta, é vendido a Cr\$ 10 mil, valor cobrado também por uma bolinha de sorvete de outras marcas menos famosas.

A cerveja gelada com as marcas mais procuradas, em garrafa ou lata, é vendida a Cr\$ 20 mil — “por enquanto”, conforme costumam avisar os vendedores. Os refrigerantes e a água mineral exigem que o turista desembolse de Cr\$ 8 mil a Cr\$ 10 mil, por cada garrafa. Na Praia das Castanheiras, o vendedor Robson Luiz da Silva admitiu, na última quarta-feira, que havia baixado o preço de sua cerveja para Cr\$ 17 mil para atrair consumidores.

É que muita gente pechincha e se nega a pagar mais caro quanto entende que a majoração é excessiva. “Lá em Porto Seguro o coco está custando Cr\$ 5 mil e aqui nos cobram Cr\$ 10 mil. O aumento aconteceu nesta semana”, garante o mineiro Bragança, também criticando os aumentos constantes nos supermercados.

Freguesia

Dono do restaurante Bolinha, no Centro, Aguinaldo Brambati diz que preços razoáveis funcionam como atrativo de fregueses.

Por isso ele mantém o prato do dia (refeição) por Cr\$ 40 mil — opção que é, disparado, a mais procurada. O próprio Brambati admite que existe muita gente praticando preços que exploram turistas. “Há um mês o quilo da lagosta custava Cr\$ 45 mil. Hoje o produto é oferecido a Cr\$ 200 mil”, garante.

A elevação fez com que Orly Assunção Fernandes retirasse o prato sofisticado do seu cardápio, no restaurante Beira-Mar, em Meaípe, pelo menos momentaneamente. “A lagosta e o camarão branco estão muito caros, e fica impraticável servi-los”, diz ela. Janilton Nascimento, do ‘Cantinho do Curuca’, vende o prato por Cr\$ 300 mil — assim como a moqueca de robalo ao molho de camarão — porque, segundo ele, sua experiência o fez armazenar um bom estoque de peixes e crustáceos.

Jet-ski

No ‘Curuca’ as vendas agradam ao proprietário. Durante os dias úteis ele chega a servir até 400 quilos de peixe. Nos sábados e domingos, o volume cresce para 700 quilos. Uma simples moqueca de badejo custa, ali, Cr\$ 120 mil. No Beira-Mar, o mesmo prato sai por Cr\$ 150 mil, enquanto que no Bolinha o valor é Cr\$ 115 mil. Já na Praia do Morro, cobra-se Cr\$ 25 mil por uma simples porção de arroz branco.

Melhorias só no próximo ano

Só a partir do ano que vem a prefeita Morena Espíndula, que tomou posse no último dia 1º, acredita poder oferecer aos turistas uma melhor estrutura em Guarapari. “Destroçaram a Prefeitura”, diz ela, referindo-se ao trabalho desenvolvido pela administração passada. “Dona” Morena, como é chamada pelos habitantes do município, admite que a cidade está desumanizada.

“Vamos fazer Guarapari voltar a ser um pólo de atração turística”, promete ela, não se furtando em admitir que a cidade tem funcionado como passagem para muita gente que busca fazer turismo no litoral baiano e, até mesmo, em cidades do interior do Espírito Santo.

Morena Espíndula diz que não é impossível consertar Guarapari. Ela garante que, até agora, o município não desenvolveu um trabalho técnico, “bem feito”, na área de turismo, uma forte fonte de recursos. “Turista quer ser bem tratado, respeitado, uma cidade limpa. Hoje Guarapari não está em condições de lhe oferecer algo melhor”, comenta ela.

A Prefeitura, já na primeira semana de trabalho da nova administração, além do serviço de limpeza, contratou emergencialmente; contratou mais de 50 homens para o salvamento marítimo (os equipamentos ainda serão adquiridos) e determinou a proibição da prática de jet-ski em várias praias.



Os preços dos ambulantes e barraqueiros assustam os consumidores

Poluição de praias será reduzida

Durante praticamente toda a última semana de dezembro passado a coleta de lixo em Guarapari ficou parada, assim como a varrição das ruas, por causa da greve dos servidores municipais. Mais de 400 toneladas de lixo já foram retiradas das ruas pela atual administração, que se prepara para enfrentar um outro problema sério, de nível ambiental: a poluição das praias pelo esgoto domiciliar.

A situação preocupa em Meaípe, onde o rio de mesmo nome, que deságua no mar, está contaminado; e também na Praia do Morro. Ali, três pontos de lançamento do que seria uma rede pluvial exalam um mau cheiro característico. A coloração da água também é típica de esgoto.

Contaminação

Luiz Carlos Matias, mineiro de Mirai, diz que a cidade está com aspecto descuidado e preocupa-se

com o risco de contaminação. “A Prefeitura e o Governo do Estado precisam tirar esse esgoto aqui da Praia do Morro para garantia do nosso bem-estar”, diz ele. Dono de um quiosque localizado próximo a uma das saídas de rede, Walmir Marino admite que o problema reduz o movimento do seu comércio em 60%. “As pessoas vêm pra cá, perguntam se a água é de esgoto, eu digo que sim e muita gente não fica”, explica.

Em Meaípe, Beatriz Melillo, que frequenta o local há anos diz que o rio poluído por lançamentos de esgoto, quando deságua na praia, tinge o mar com uma cor marron, afugentando os turistas. “Lembro-me de ter tomado banho naquele rio. É preciso que sejam adotadas providências”, diz ela. A artista plástica Nona Rostagno frequenta Meaípe há 20 anos e também está preocupada. Mas, utilmente, acusa uma lanchonete com música ao vivo por seus maio-

res problemas. “O homem liga o rádio bem alto, para manter acordados seus garçons, e eu tenho que tomar remédio para dormir”, diz ela.

Educação

a secretária de Meio Ambiente de Guarapari, Sueli Passoni Tonini, admite que há poluição por esgotos nos dois pontos, além de um outro, na praia de Santa Mônica. “Vamos ter que fazer levantamentos sobre as contribuições e os reflexos sobre a balneabilidade das praias”, diz ela, esperançosa de que a Prefeitura obtenha recursos do Prosege, um programa de saneamento do Ministério da Ação Social, para tratamento de esgoto e despoluição no município.

Ao custo de Cr\$ 1,5 bilhão — valor pago por três meses de trabalho — a Prefeitura contratou uma firma que vem fazendo a limpeza da cidade.



A prefeita Morena Spíndula, recém-eleita, promete investir na coleta de lixo e no saneamento básico